

O leitor violentado

– 1 –

Considerando que os contos do livro *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca¹, representam, basicamente, a violência das relações sociais, e que seu funcionamento na sociedade brasileira de 1980 deve ligar-se a isso, vamos tentar caracterizar tal funcionamento, propondo respostas plausíveis para as seguintes questões:

– Qual o possível leitor de um livro de contos como *Feliz Ano Novo* no Brasil de hoje?

– Em que universo de representação da violência tal leitor se insere?

– Que diferenças com relação a esse universo marcariam *Feliz Ano Novo*, a ponto de afastá-lo do funcionamento social considerado “conveniente” para um texto literário, já que a justiça do país nem tolerável o julgou?

– 2 –

O produto livro de contos, vendido nos poucos estabelecimentos comerciais denominados livrarias, por mais de duzentos cruzeiros, é consumido, obviamente, por pessoas que têm poder aquisitivo para adquirir um objeto prescindível que custa 5% do salário mínimo, e têm poder cultural para atuar como receptores de mensagens codificadas na língua escrita culta do país. Essas pessoas médias, ou “reme-

diadas", vivem e desfrutam o medo cotidiano da violência: usar grades nas janelas, não parar em sinal fechado à noite, não abrir porta a estranhos, segurar bem firme a bolsa, não sair com jóia cara, querer bem cheio o depósito de presos, exigir mais policiais nas ruas, acompanhar em detalhes, através da imprensa, as descrições de muitos assaltos e assassinatos perpetrados por marginais contra pessoas de bem. Para compensar, a ficção que essas pessoas consomem na tevê, no cinema e no livro muitas vezes lhes mostra investigadores espertos que derrotam criminosos temíveis, vingando simbolicamente todas as vítimas, reais e ficcionais. É, pois, por tais brasileiros médios de cidades médias e grandes, incluindo "legumes humanos que passam todas as horas de lazer olhando televisão"², que um livro de contos tem mais possibilidade de ser lido. São esses os leitores potenciais de Rubem Fonseca: habituados à circulação da violência, educados para sobreviver à violência em seu cotidiano, condicionados a exorcizar a violência como caso de polícia.

— 3 —

A violência representada pela ficção da indústria cultural para o cidadão comum, com exceção das raríssimas produções de protesto (violência policial), caracteriza-se pela condenação, em nome da ordem, dos "marginais", que, ao serem considerados culpados dos males da sociedade, se expõem ao sacrifício (esquadrão da morte, por exemplo), sem que a sociedade judicialmente os vingue. Ótimo exemplo dessa prática: o Globo Repórter que focalizou o caso Ângela Dinis, na véspera do julgamento de Doca Street, legitimava a absolvição do réu, pois sua vítima foi representada como sacrificável, isto é, marginal (com relação aos padrões femininos de conduta da classe média). O tom que os veículos de comunicação de massa usaram para tratar o episódio conotava: quem mata uma vítima sacrificável não merece a vingança pública, a prisão. O público já pensava assim, pois a comunicação de massa tem sempre o cuidado de não transmitir lições novas, mas de apenas realimentar padrões de conduta, acompanhando, é claro, a inócua evolução da moda.

René Girard³ mostra que o sacrifício é, universalmente, a forma de violência cuja função consiste em manter a coesão social, através de uma "operação de transferência coletiva" realizada às custas da vítima e sustentada pelas próprias tensões internas da sociedade. Tal função não mais se cumpre quando tende a romper-se a ordem estabelecida. As instituições não conseguem conter a violência indiscriminada, e todas as formas de associação entram em choque. Dá-se então, segundo Girard, a situação de crise sacrificial.

Lendo Feliz Ano Novo com o auxílio de Girard, percebemos claramente que o tipo de representação da violência realizado no livro de Rubem Fonseca tem um sentido social ameaçador. Surge nele a violência disseminada, sem moral da história, sem herói, sem

reparos. Trata-se de representação não mais do sacrifício, mas da crise sacrificial, que constitui a crise das diferenças, quando se instala a violência recíproca, e a vítima pode ser qualquer um. Neste caso, a ordem social está, de fato, ameaçada.

Essa representação literária da crise sacrificial corresponderia a uma aspiração de igualdade entre os membros do grupo social, por eliminar a diferença que tornaria certas vítimas sacrificáveis, certos crimes puníveis, e outros, não. Trata-se, pois, de um texto de protesto contra a injustiça social, mas protesto terrorista, já que instila a significação venenosa do caos, levando o leitor (classe média, lembremos) ao medo e à insegurança, isto é, ao verdadeiro escândalo. O leitor que se cerca de cuidados, procurando prever as situações vulneráveis ao assalto, que está acostumado a usufruir um medo tranqüilo na ficção que usualmente representa a violência de modo diferenciado, mantendo intacta a lógica das relações sociais, de repente se vê diante de um texto que o incomoda, que o ameaça. Justificativas não faltam, como não faltaram para a censura: são os palavrões (aliás, nem tantos), é o erotismo (aliás, bem pouco), são as cenas violentas (estas, abundantes). Na verdade, sabemos que tudo isso circula no seio da classe média, ajudando a sustentá-la, propondo oposições tranqüilizadoras. O problema é que, em *Feliz Ano Novo*, está representada a crise sacrificial, a violência da desagregação, a violência de fato insuportável.

No conto "Intestino Grosso", o Autor declara que a morte violenta "faz parte da Fantasia Oferecida às Massas Pela Televisão hoje"². São, entretanto, também mortes violentas as que se narram em muitos dos contos de *Feliz Ano Novo*. Só que, narradas pelos próprios assassinos, como algo banal, as mortes não chegam a instituir o pathos. O leitor, assim, permanece meio frio, contaminado pela neutralidade do discurso que se lhe revela, todavia, simultaneamente abominável. O leitor é a lei, que está ausente do texto, que deveria castigar mas não castiga. Deveria castigar porque as vítimas não são sacrificáveis, teriam de ser vingadas. Não castiga porque vítimas e assassinos trocam repentinamente de lugar (rico mata pobre, pobre mata rico, homem mata mulher, mulher mata homem), não há como classificar o bem e o mal: a festa é a mesma.

Nesse sistema social brasileiro do texto, em que se instala a violência sem nexos, o que se ameaça é o próprio sistema, contra o qual a violência de fato se volta. Acontece que, ao voltar-se contra o sistema, a violência se volta contra o leitor que o integra. O leitor se torna destinatário de balas e pancadas textuais por ele mesmo, paradoxalmente, desfechadas, já que é com a visão do narrador que o narratário é levado a identificar-se. Dividido assim entre a mais íntima compreensão e o maior horror, o leitor se sente, com toda razão, violentado. E, ainda, para impedir que esta deixe de ser a sensação de leitura predominante, o texto fecha as saídas: não se alcança o riso, não se alcança o grotesco, não se alcança o trágico,

embora se permaneça o tempo inteiro em seus confundidos vestíbulos, que são os desempregos, estafas, mentiras, precisões, equívocos, competições, solidões, tradições, histórias, pequenos assassinatos. Assim se permanece no intestino grosso.

— 4 —

Não há como negar o caráter subversivo do funcionamento social de *Feliz Ano Novo*, Escrito para o leitor comum (como poucos bons textos da literatura brasileira); sem panfletagem política (facilmente neutralizável); sem a retórica consoladora da ficção popular, mas jogando com suas seduções; representando relações sociais facilmente identificáveis, mas destruindo classificações de violência social para as quais o cidadão foi educado, este livro não é mesmo nem um pouco conveniente. O modelo de sociedade que ele propõe e desvela mal se pode chamar de sociedade, pois não há ninguém “fazendo coisas com e para os demais, no interesse de cada um e de todos”. Ninguém fica satisfeito, a festa é macabra, a ordem acabou. Sem dúvida, *Feliz Ano Novo* integra a contemporânea literatura maldita do Brasil, safra de 1975, no mercado em 1980. Nesse caso, para a classe média, ler é também correr o risco — de entender.

NOTAS

- 1- FONSECA, Rubem. *Feliz Ano Novo*. Rio de Janeiro, Artenova, 1975.
- 2- Op. cit. p. 143;
- 3- GIRARD, René. *La Violence et le sacré*. Paris, B. Grasset, 1972.